

A charge de Alceu Chichorro

João Felipe Ferreira¹

Resumo: O artigo realizado tem como objetivo o estudo de elementos simbólicos presentes em algumas charges do escritor e chargista Alceu Chichorro (1986-1977). A ideia foi adentrar brevemente no contexto histórico no qual se encontrava o autor e a sua produção para realizar uma análise sobre o seu trabalho explorando a arte sequencial (termo que agrega o conceito de charge) enquanto linguagem, e como fonte alternativa de informação, não necessariamente textual ou documental.

Palavras-chave: Paraná, início século XX; Charge; Alceu Chichorro;

Resumen: El artículo realizado tiene como objetivo el estudio de elementos simbólicos presentes en algunas ilustraciones cómicas del escritor e ilustrador Alceu Chichorro (1986-1977). La idea fue hablar a cerca del contexto histórico en el cual se encontraba el autor y su producción, y realizar un análisis sobre su trabajo explorando el arte secuencial (termino que agrega el concepto de caricatura) en cuanto lenguaje, y como fuente alternativa de informaciones, no necesariamente textual o documental.

Palabras-Clave: Paraná, principios del siglo XX, ilustraciones cómicas, Alceu Chichorro.

Introdução

O trabalho de Alceu Chichorro, além de uma arte cômica, foi durante muito tempo instrumento de crítica política e social. Fazendo uso de um humor sadio revelou as suas opiniões, e as das pessoas de sua época, diante dos fatos do cotidiano e das questões políticas que permeavam sua realidade.

¹ Aluno formando do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Astutamente, e aproveitando-se de seus personagens icônicos, os calungas², o chargista conseguia executar como poucos uma análise minuciosa dos fatos que ocorriam em uma sociedade em polvorosa como o Paraná das décadas de 30, 40 e 50. Pousou seu olhar crítico além das barreiras do estado das araucárias falando também do governo nacional, dos anos finais da década de 30 e de quase toda a década de 40, do governo Vargas, de Segunda Guerra Mundial e do início da ascensão feminina em uma sociedade machista. Alceu não contava histórias, contava fatos. Fatos estes que de maneira ou de outra entraram para a história. O posicionamento crítico do artista por vezes lhe causava problemas que lhe renderam uma série de processos, e até proibições de manter a publicação de suas charges.

Tais características aproximam-no da visão que temos do personagem do “chargista político” atual, melhor dizendo, os “chargistas políticos” atuais em muito se espelhariam nele. Crítico, polêmico, astuto, contudo extremamente consciente do impacto de sua obra.

Nesse estudo faço valer algo que se aproxima de uma abordagem próxima à micro- história de maneira que através de uma breve análise das charges do artista seja possível, talvez não dizer quem eram, mas delimitar ou criar apontamentos e questionamentos sobre a forma

² Sobre a palavra “calunga”, o Novo Dicionário Aurélio, 3º edição de 1999, publicado pela editora Nova Fronteira aponta pelo menos quatorze definições das quais podemos destacar “calunga” como um brasileirismo para “figuras humanas, nos desenhos infantis”, “boneco pequeno”, “pessoa com pouca estatura” ou “desenho sumário, representação da figura humana, que arquitetos usam para dar a ideia de escala ou dimensão da obra que projetam”.

como o público leitor de tais trabalhos encarava os acontecimentos sem sua época. Sobre micro-história, é possível compreendê-la como um campo relativamente recente da historiografia, surgido dos debates sobre os rumos a serem tomados pela Escola de Annales por volta do fim da década de 1970 por meio da publicação “*Microstorie*” sob a direção de Carlo Ginsburg e Giovanni Levi. Uma das propostas da Micro-história é a redução da escala de observação do historiador como uma forma de alcançar aspectos que de outro modo passariam despercebidos (BARROS, 2007).

Sobre Chichorro



Figura 1. Alceu Chichorro- Recorte da obra “Autocaricatura” in. BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. ”**A sociedade sob o olhar de Chichorro**” in. Fatos da Atualidade: “Charges e Caricaturas em Curitiba de 1900- 1950”.Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, v.33, n. 142, maio. 2009)

Alceu Chichorro nasceu em 21 de Julho de 1896 e faleceu em 30 de Abril de 1977. A formação escolar de Alceu se iniciou em 1901, após uma breve estadia de sua família no estado do Ceará. Matriculou-se em escolas de renome e destacadas por sua rígida disciplina. Quanto a sua formação artística podemos apontar o início de seus estudos na Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná e no Ginásio Curitibano, tendo como alguns professores nesse período, Alfredo Andersen, Augusto Cobbe e Augusto Huebel e Paschoal Rispoli.

Aos dezessete anos ingressou como repórter fotográfico no jornal “A Tribuna”. Após o fechamento da “Tribuna” Chichorro passou a trabalhar como repórter policial e escritor de sonetos no jornal “O Comércio do Paraná” até o ano de 1919. Deu continuidade as suas atividades no “Diário da Tarde” e na “Gazeta do Povo”, onde passou a usar o pseudônimo de ELOY DE MONTALVÃO (BAHLS, 2009, pg.167), que se especula ser uma homenagem, ou a sua avó Carolina Eloi Oliva de Medeiros - que teve relevante importância na formação intelectual de Chichorro em sua infância ou à sua mãe³.

Mesmo trabalhando nos locais já citados, Chichorro desenvolvera outras atividades ainda no âmbito jornalístico tais como secretariar o jornal político de Menezes Dória, fundar a revista

³ No boletim edição especial da Casa Romário Martins, Fatos da Atualidade: charges e caricaturas em Curitiba, 1900-1950, a autora Aparecida Vaz da Silva Bahls afirma que em entrevista ao MIS (Museu da Imagem e do Som) em Fevereiro de 1971 Alceu Chichorro comenta que o nome Eloy fazia parte do sobrenome de sua mãe: Francisca Hosana Eloy Chichorro. Contudo em seu livro intitulado “Alceu Chichorro”, Wilson Boya refere-se à mãe de Chichorro apenas como Francisca Hosana Chichorro e cita o nome da avó de Alceu, Carolina Elói Oliva de Medeiros.

humorística “O Anzol”, o jornal humorístico “Jazz” com Correia Junior e com Carlos Bonhomme, a “Máscara”.

Por mais que tenha iniciado o uso do pseudônimo na “Gazeta do Povo”, foi no jornal “O Dia” que Chichorro ganhou visibilidade sob o nome de Eloy. Trabalhando no jornal durante trinta e cinco anos, desenhando títulos, caricaturas, charges e publicando sua sessão própria, a “Gravetos e Fagulhas”. E foi justamente durante esse trabalho no “Dia” que Alceu, sob seu pseudônimo, criou seus tão famosos calungas. Dentre os quais se destacaram com muita força Chico Fumaça, que na charge a seguir está levando um soco de Dona Marcolina, e Totó, o cachorro de estimação.

Sem falar de tantos outros criados. Estes três serão os mais citados nesse texto por encenarem praticamente todas as tiras ou charges apresentadas. Em um momento mais oportuno durante o artigo nos aprofundaremos mais sobre o seu calunga mais famoso: o “Chico Fumaça”. Voltando à importância do chargista para a imprensa paranaense e brasileira é importante ressaltar que Alceu fora o primeiro Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná e o primeiro jornalista a se aposentar com todos os direitos previdenciários legais.

DEMOCRATICAMENTE...

"A hora presente exige definições".
(De um comentário)



— Mas Marcolina, eu não disse ainda em quem irei votar!
— É por isto mesmo! Você está esperando as eleições para depois dizer que votou no vencedor!...

Figura 2. Alceu Chichorro- “Drasticamente” in. BOIA, Wilson. **Alceu Chichorro: charges**. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

Na obra de Chichorro, há uma característica muito frequente em grande parte dos trabalhos desse gênero: a exploração do estereótipo. Definir o “todo” a partir de um único indivíduo e vice e versa é um elemento muito recorrente dentro das charges, tiras e afins, pois, de certa forma, temos um elemento gerador de humor, malícia, desprendimento e ironia que não está diretamente ligado a uma pessoa específica, mas a um tipo social. Contudo, a exploração do conceito de estereótipo é algo recorrente e aceitável nas charges quando partimos do princípio de que a pessoa que por ventura se reconheça dentro desse ou daquele estereótipo

tome consciência da sua existência e do seu espaço na realidade em que vive. Seja para bem ou para mal. Afinal, ninguém reclamaria de estar inserido dentro de um estereótipo positivo ao passo que, estando reconhecido dentro de qualquer um negativo, provavelmente se sentirá mal. De acordo com Rui Zink (2011), os estereótipos podem limitar nosso pensamento, mas podem ajudar-nos a descobrir que um sorriso irônico em relação ao outro pode também ser um sorriso irônico em relação a nós mesmos.

O calunga Chico Fumaça é praticamente a definição do estereótipo do curitibano da década de 30. E através dele Chichorro executa suas proposições e críticas sobre a sociedade em que ele mesmo vivia. E o mais importante sobre fumaça é a maneira como ele representa seu autor, a forma como Chichorro se colocou no lugar de seu calunga denota a maneira como ele próprio acreditava estar encaixado dentro da generalização representada por Chico Fumaça. Alguns autores indicam essa relação, chegando ao ponto em que o próprio Chichorro passou a ser conhecido pelo nome de seu personagem.

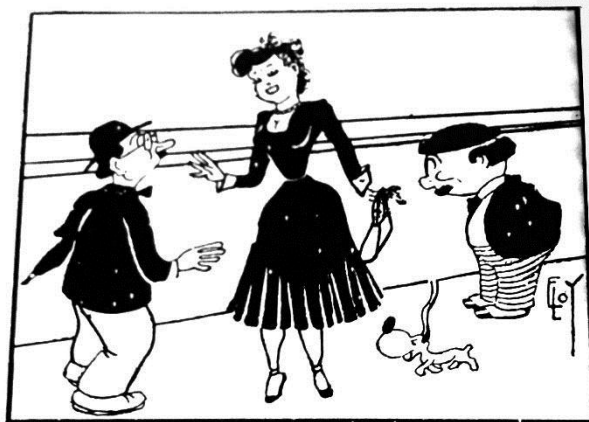
Um dos ingredientes de seu sucesso foi a idealização de personagens que interagiam com as cenas que retrata. A grande repercussão de Chico Fumaça, seu calunga de maior destaque, fez com que o artista fosse confundido com sua criação. (BAHLS, 2009)

Estudar o personagem Chico Fumaça, desde ele próprio à forma como foi concebido passando por sua realidade nos permite uma aproximação do mesmo com o moleiro Menocchio, estudado pelo

historiador Carlo Ginzburg em seu “Queijo e os Vermes” (1987). Antes de qualquer coisa ressaltamos o óbvio: Fumaça era um personagem fictício enquanto Menocchio existira de fato, visto que a concepção de “Queijo e os Vermes” em muito se deu pela pesquisa extensa de Ginzburg nos documentos inquisitoriais do moleiro acusado de heresia durante o período de Inquisição. Fumaça, mesmo sendo um personagem fictício, revelava ao público a visão de mundo do seu autor, mas também em muito revelava a visão do próprio público em suas histórias. Menocchio, que mesmo tendo sido uma pessoa atípica em seu tempo, e tendo se destacado em relação a seus semelhantes, revelou muito sobre o mundo em que vivia através de suas alegações nos autos de seus interrogatórios.

Interessante aqui é o destaque da participação e das trocas de identidades entre autor e obra, bem como apontar para a participação política de Alceu no cenário paranaense. Podemos imaginar que o personagem Fumaça representa o seu público, as pessoas que acompanhavam suas histórias.

SEM PALAVRA...



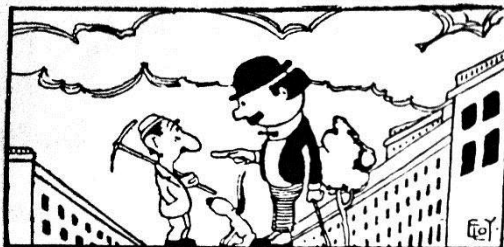
— Eu não pretendia... mas à última hora, atendendo pedidos de amigos, apresentei-me candidato a vereador!

— Mas titio, você não disse que de agora em diante iria trabalhar?...

Figura 3. Alceu Chichorro- “Sem palavra...” in. BOIA, Wilson. **Alceu Chichorro: charges**. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

Como candidato ao cargo de vereador no ano de 1927 Chichorro tomou a liberdade de usar charges e tiras como veículo de campanha. Ele se candidatara ao cargo de deputado estadual, mas não se elegera. Ao mesmo tempo, usa sua campanha como material para charges.

GENTE FELIZ



— Mas então seu Fumaça, Você não faz nada?
— Não... eu sou candidato a deputado estadual... é preciso não fazer nada para ser no mínimo deputado por Guaratuba...

Figura 4 Alceu Chichorro- “Gente feliz”. In. BOIA, Wilson. **Alceu Chichorro: charges**. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

Nota-se em boa parte das obras de Chichorro a crítica ao sistema político vigente em sua época, pela maneira como ele funcionava e pela forma como os políticos da época exerciam seus cargos e responsabilidades. As duras críticas do autor se davam das mais variadas formas, mas principalmente através de um humor sutil, e direto.

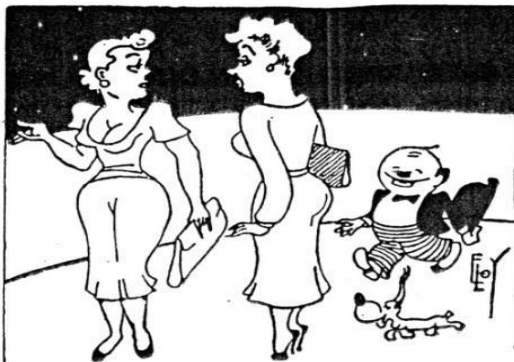
Na década de 1920, Chichorro iniciara suas atividades no jornal “O Dia”, sete anos antes da subida de Vargas ao poder, portanto podemos partir do pressuposto que já possuía certa estabilidade e autonomia para suas publicações no jornal, sentindo-se à vontade para, inclusive, realizar críticas ao governo.

A partir do fim da Primeira Guerra Mundial os movimentos e ideias totalitários e autoritários ganharam força na Europa. Os ideólogos autoritários ou totalitários consideravam a democracia liberal, com seus partidos e suas lutas políticas, aparentemente inúteis, um regime incapaz de encontrar soluções para a crise. No Brasil concorreram grupos situados no interior do governo, em especial no Exército, as vacilações dos liberais e a irresponsabilidade da esquerda, daí o Golpe de 1937. (FAUSTO, 2004).

PARA AS FESTAS

“Rio — Para a posse do presidente da República eleito, estão sendo preparados programas de festejos, notando-se franco entusiasmo em determinados círculos femininos”.

(Dos jornais)



— Você não gostou daquela sêda estrangeira para fazer o vestido para as festas da posse?

— Não! Achei a DITA DURA demais!...

Figura 5. Alceu Chichorro- “Para festas”. In. BOIA, Wilson. **Alceu Chichorro: charges**. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

Mesmo havendo sido a “descoberta” do Plano Cohen o motivo para a implantação do Estado Novo, já existiam anteriormente articulações políticas elaboradas pela base de Getúlio Vargas que indicavam sua intenção de permanecer no poder. Aqui, vale apontar o olhar de Chichorro sobre o momento, e a importância em notar que seu trabalho estava sugerindo algo que já se imaginava que poderia acontecer.

A charge, os cartuns e as tirinhas, principalmente as de teor político e social, são frutos de seu tempo, só existem em função dos fatos que ocorrem em sua época, mesmo havendo exceções, são leituras baseadas na realidade das informações a que fazem referência. Normalmente a charge e as tirinhas, principalmente as criadas por Chichorro, costumam satirizar determinada situação ou personalidade retratando-a de forma caricata. Um material amplamente utilizado pelo autor em seus trabalhos é a situação política e social do país e do mundo durante o período em que desenvolvia esses trabalhos. Estando o Paraná de certa forma mais distante, mas não alheio, do cenário tumultuado que se via no Brasil no final da década de 1920 e durante todo o período que permeia a década de 1930 e metade da década de 1940, temos um autor dotado de um olhar “menos impregnado” pelas tendências políticas do momento, por mais que já tenhamos citado sua tentativa de eleição, por justamente não estar inserido diretamente no circuito vigente (Rio- São Paulo- Minas Gerais). O que ao invés de simplesmente torná-lo alheio à situação, o colocou em posição privilegiada para poder realizar uma análise mais ampla da situação. Ao trabalho de Chichorro pode-se atribuir um caráter de meio “propagandístico e influenciador de opiniões”

(BAHLS, 2009). Analisando a charge pelo viés psicanalítico, o historiador Vinicius Liebel (2007), ao estudar a repercussão dessa produção artística na sociedade, destaca os estudos de Freud sobre a natureza do humor, suas ações e influências no inconsciente. Nas palavras de Liebel, para o psicanalista (Freud), “o riso seria um liberador de emoções reprimidas”. Neste momento onde praticamente toda opinião é considerada extremista é interessante observar como o trabalho dessas charges viria a ser uma válvula de escape num período de opiniões oprimidas e “castração social”.

Um ponto muito relevante dessa temática é justamente o seu foco na representação da realidade das pessoas de uma época. As necessidades e anseios do povo, representadas em seus trabalhos, bem como a maneira como ele cria as pequenas narrativas nas quais encaixava seus personagens – principalmente Chico Fumaça – o leva a um tipo de engajamento político que o coloca como um reivindicador dos direitos e explicações que as autoridades negam ao povo que lê seus trabalhos. Ante as diferentes posições ideológicas, os movimentos de troca de poder e reformas políticas quais poderiam ser as possíveis posições políticas dos leitores das charges de Chichorro? Que leituras poderiam fazer dessas charges – fossem elas sobre a situação nacional, como já vimos, ou sobre assuntos internacionais, como veremos – frente às posições deles mesmos como moradores de uma cidade do estado do Paraná? Tais dados e questionamentos são muito importantes e amplos, de tal forma, que o trabalho realizado permite apenas uma breve visão das possibilidades e deliberações acerca desses questionamentos.

Tiras, charges e a guerra

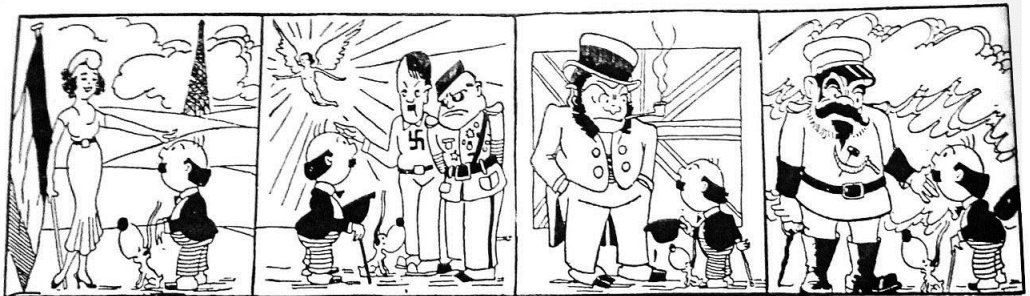
De todas as produções do artista daremos atenção a uma que trata do cenário político mundial, mais especificamente o que se construiu durante o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial e a Guerra propriamente dita. Novamente trago a relação para com o seu público como questão relevante nesse estudo e adiciono mais uma ação dele: a de trazer ao público a informação, sem reduzi-la ou omiti-la, de maneira jocosa, apresentando ao leitor uma forma de encarar o que ele mesmo provavelmente leu na notícia que antecedeu a tira. Cito aqui George Orwell em uma passagem de sua obra “1984” acerca da experiência de seu personagem principal Winston Smith, sobre um livro que estava lendo:

O livro o fascinava, ou, mais exatamente, tranquilizava-o. Em certo sentido não lhe dizia nada de novo, o que era parte do fascínio. Dizia o que ele teria dito se tivesse a capacidade de organizar seus pensamentos dispersos. Era produto de uma mente semelhante à dele, porém muito mais poderosa mais sistemática e menos amedrontada. Os melhores livros, compreendeu, são aqueles que dizem o que você já sabe. (ORWEL, 1949.)

É possível imaginar que frente às charges os leitores de Chichorro se deparavam com situação semelhante à do personagem fictício de Orwel, que durante suas leituras ficava admirado com o narrador por contar tão bem algo que já era de seu conhecimento, mas que de alguma forma não conseguia externar.

“Paz no mundo”

A PAZ NO MUNDO...



— Socega, Fumaça, eu garantirei a paz dentro das minhas fronteiras e ao som da “Marselheza”!

— Acabo de reconhecer o império da Etyhopia aqui para o meu amigo Mussolini. E a paz será mantida!

— Póde ficar descansado, meu amigo Fumaça.. A dominadora dos mares saberá fazer com que a paz, perdure!

— Os SOVIETS já elaboraram uma das Constituições mais liberaes do mundo! Somos pela paz, universal!

Figura 6. Alceu Chichorro- “Paz no Mundo”. In. BOIA, Wilson. **Alceu Chichorro: charges**. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

Na tira é possível observar, além de Fumaça e Totó, a representação de lideranças mundiais que se destacavam no cenário político internacional na segunda metade da década de 1930.

No segundo quadro, Chichorro apresentou Hitler e Mussolini juntos, apontando para o apoio irrestrito da “Alemanha de Hitler” à “Itália de Mussolini”. Nesse caso específico, trata da invasão italiana a Etiópia, que passou a ser “reconhecida” como colônia italiana durante a virada do ano de 1936 para o ano de 1937.

Alceu representou a França por intermédio de uma figura feminina ao lado da bandeira do país, no primeiro quadro, bem como o lorde inglês à frente da bandeira do Reino Unido no terceiro quadro. No

primeiro quadro temos uma figura feminina representando a França que podemos reconhecer com o auxílio do texto que acompanha.

O texto diz:

“– Sossega Fumaça, eu garantirei a paz dentro das minhas fronteiras e ao som da “Marselhesa”!”.

Analisando ambas as partes – imagem e texto – vemos que elas se completam. A tira se apresenta em preto e branco, logicamente não são apresentadas cores que não sejam ou preto ou branco, contudo é possível saber que Chichorro fala da França e que ele representara abandeira francesa ao fundo da figura feminina e a Torre Eiffel ao fundo de ambas. Atentemos ao texto à palavra “Marselhesa”, o nome em português dado ao Hino Nacional francês, a “La Marseillaise” criado por Claude Joseph Rouget de Lisle em 1792 e difundido durante o período da Revolução Francesa.

“Avante, filhos da Pátria.
O dia da Glória chegou!
Contra nós da tirania,
O estandarte ensanguentado se ergueu.
Ouvís nos campos
Rugir esses ferozes soldados?
Vêm eles até os vossos braços
Degolar vossos filhos, vossas mulheres!
Às armas, cidadãos,
**Formai vossos batalhões,
Marchemos, marchemos!
Que um sangue impuro
Banhe o nosso solo”**
(Grifo do autor)

Todos os elementos representados têm grande carga de significados. No texto sob o quadro a figura feminina afirma que manterá a paz em suas fronteiras ao som da Marselhesa, e aí se apresenta o cinismo criticado pelo autor visto que se atentarmos ao significado do hino francês que sugere aos cidadãos que pegassem em armas contra “o inimigo”. Certamente o contexto no qual o hino fora criado era totalmente diferente do qual se encontrava a França na metade do século XX. Mas, como citado, Chichorro destaca o cinismo da situação: nações afirmando estarem fazendo todo o possível para manter a paz ou evitar a guerra enquanto organizam tropas e exercícios militares justamente para a guerra que afirmam estar evitando. E reforça a ideia com a francesa afirmando estar mantendo a paz ao som da Marseillaise.

Continuando a questão da crítica ao exercício militar como justificativa para a busca pela paz podemos observar no terceiro quadro apresentando a figura do “lorde inglês” representando a Grã-Bretanha. Atentemos ao termo “a dominadora dos mares”.

Uma crítica ao protecionismo britânico e um claro apontamento de Chichorro à movimentação militar de outra nação que estava presente na primeira guerra e que nada teria a ganhar com um novo conflito, mas que via ao mesmo tempo a movimentação das mesmas nações que participaram do conflito em escala mundial alguns anos antes.

Seguindo para o último quadro, como citado anteriormente, grosso modo o que aconteceu no período “pré-guerra” foi uma divisão de ideologias em polos, de um lado fascistas e de outros antifascistas. Lembremos que os regimes liberais tinham pouco em comum com o

regime soviético, seja ideológica, ou politicamente. Um regime ditatorial e impositivo pouco inspirava a ideia de paz.

Atentemos agora aos elementos visuais presentes nas tiras de Chichorro. Estudando tais casos é possível notar em todos os trabalhos que o tratamento visual que o chargista dá as obras não é leviano e tão pouco impensado. Explorando a simplicidade de seu traço Chichorro (e tantos outros chargistas anteriores e posteriores a ele) tratou suas charges de forma que a mensagem que elas deveriam passar não se confundisse com o meio utilizado para esse exercício (McLOUD, 2005), ou seja, o desenho simples, além de jocoso, era uma forma de prender o seu leitor mais a informação presente na tirinha ou na charge do que na arte do trabalho apresentado. Indo um pouco mais adiante com a questão dos desenhos simples, chegamos a mais um ponto relevante acerca do cartum, suas formas simples aliadas a nossa capacidade de “autoconsciência não visual”⁴ nos permitem, de certa forma, nos colocar em certa medida dentro de cada personagem criado pelo autor em maior ou menor grau de intensidade de aproximação com o mesmo. Assim a relação que o leitor viria a ter com a obra já não é mais passiva, pois o leitor vê um pouco de cada personagem em si mesmo, identifica a relação que esse mesmo personagem tem com seu tempo (que é mesmo para ambos, pois a tira ainda retrata uma situação comum tanto ao personagem quanto ao leitor).

⁴ Termo usado por Scott McCloud no seu livro, “Desvendando Quadrinhos”, de 2005, para designar características gerais presentes em nós mesmos da forma mais simples possível, um senso de forma, algo simples como um “*cartum*”.

Já vimos durante as colocações anteriores um “ensaio” sobre como Alceu criava suas tiras com grande carga de significados, seja no termo “Marselhesa” para representar a ideologia militar Francesa, ou na representação do lorde inglês para representar todo o Império Britânico. A própria exploração do estereótipo – citada brevemente no início do texto – pode ser tomada aqui como esse exercício de transformação de “significados em formas ou imagens”. Ainda é possível notar que nas tiras e charges apresentadas aqui Chico Fumaça sempre é representado em tamanho desproporcional ao das outras figuras com quem contracenava. Uma análise superficial acerca do nome que Alceu dava aos seus personagens já seria suficiente para responder o porquê de Chico Fumaça ser representado de tal forma, contudo nesse momento temos um forte elemento simbólico apresentado por Chichorro. Se notarmos a figura número quatro, intitulada “Gente Feliz”, temos um Fumaça que em sua possível posição como governante, ou aspirante a isso, é representado maior do que o personagem do operário com o qual contracenava ao passo que na tira sobre a movimentação dos países pós 1º Guerra (figura número oito) é possível notar que Chico Fumaça está menor em relação aos outros personagens, uma possível representação do povo pela figura de Fumaça (pequeno diante dos governantes que detém o poder sem levar em consideração o povo para o qual deveria estar governando) e dos governantes através de figuras simbólicas, com exceção de Hitler e Mussolini, representados ali como eles mesmos – outro ponto sutil, mas relevante e aberto a especulações. É interessante notar que em poucas tiras o nazismo é representado por Alceu senão pelo próprio Hitler. Esse

fato reforça a ideia que Hitler era a “face” do nazismo enquanto Mussolini era a “face” do fascismo em todas as suas ideologias e ações.

Conclusão

Talvez a exploração de interpretações de sua realidade enquanto cidadão e de seu tempo, notada ou não pelo autor, seja o ponto focal da obra de Chichorro e um dos alicerces desse trabalho. Alia-se a possibilidade de manter ativa a memória de um autor tão importante não apenas para o jornalismo, mas para a história curitibana de maneira geral. Incluídas também a interessante possibilidade de realizar algo como um pequeno ensaio que sirva como uma tentativa de interpretação praticamente semiótica dos elementos visuais presentes no material que servira como fonte de análise para a elaboração do artigo.

Além de simplificar uma ideia ou reduzir um tema a um nível básico de entendimento e jociedade, as tiras – não apenas as apresentadas aqui – tem grande aporte de imagens simbólicas. Ele faz uso extensivo dessas imagens associadas a uma análise profunda das situações que pretende retratar. Certamente o nível de compreensão de cada leitor diante dos trabalhos de Alceu poderia variar, seja pelo nível intelectual de cada um, pelo posicionamento ideológico dentro de um mesmo estrato intelectual, ou pela simples capacidade de interpretação. Dentro dessas possibilidades entra o potencial do material que fora explorado durante todo o artigo. Esse potencial fora citado durante o texto: o de levar a diversos públicos diferentes – não nos referimos a uma totalidade, mas a públicos possíveis – uma mesma ideia em essência e

complexidade. Há ainda o potencial observado de permitir a diversas pessoas diferentes a possibilidade de entender o que ele, como autor e crítico, estava dizendo acerca do tema que pretendia retratar através das situações que impunha ao personagem Chico Fumaça. Lembremos ainda da tamanha força e relevância que esse personagem teve na obra estudada. No fim das contas não apenas Fumaça estava sendo analisado e sim o próprio Chichorro, dada a forma como ambos acabaram se confundindo. E se fosse possível traçar um pequeno paralelo entre o Menocchio estudado por Carlo Ginzburg e algum elemento dessa pesquisa, tal elemento seria o personagem Chico Fumaça, ou melhor, o que ele representava.

Todos os que tiveram contato com o personagem entendiam a intenção do autor com sua crítica à movimentação bélica dos países pós 1ª Guerra Mundial, sem necessariamente serem profundos conhecedores dos acontecimentos da política externa no momento – evidentemente alguém que por ventura tivesse conhecimento de tais assuntos entenderia, e poderia absorver muito mais do material. A partir dessa breve interpretação da obra de Alceu Chichorro e das situações passadas pelo seu personagem, o que resta aqui é apontar que a importância de resgatar seu trabalho. Fizemos aqui um exercício para reforçar a ideia de que as camadas ditas inferiores da sociedade, ou mesmo os “personagens desconhecidos” desse período, não estavam completamente alheios aos acontecimentos que os cercavam. Além de serem informados sobre tais fatos – e isso é sabido – se permitiam ponderar sobre o assunto, refletir e discutir. A partir do posicionamento do chargista eles construíam o

próprio posicionamento, seja apenas rindo das tiras, ou discutindo-as com seus iguais.

Referências

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. ”**A sociedade sob o olhar de Chichorro**” in. Fatos da Atualidade: “Charges e Caricaturas em Curitiba de 1900- 1950”. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, v.33, n. 142, maio. 2009).

BARROS, José D’Assunção. “**Sobre a Feitura da Micro- História**”. OPSIS, Vol. 7, Nº9, Jul-Dez 2007.

BOIA, Wilson. “**Alceu Chichorro: charges**”. Curitiba. Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

DUMKE, Daniela Maria; FREITAS, Artur (Orient.). “**Alceu Chichorro - Caricaturista paranaense**”. Curitiba: EMBAP, 2006.

EISNER, Will. “**Quadrinhos e arte sequencial**”. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FAUSTO, Boris. “**História do Brasil**”. São Paulo: Edusp, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. “**Era dos extremos: breve século XX**” : 1914 - 1991. Tradução de Marcos Santarrita; Revisão de Maria Célia Paoli. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LUSTOSA, Isabel (org.). “**Imprensa, humor, e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**”. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MCCLOUD, Scott. “**Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro**”. São Paulo: M. Books, 2005.

TOURINHO, Plínio. **Depoimento**. In. Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná, 2º ed. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1980, p.78-83.